

# Alguns bancos não entram no "jumbo"

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, revelou ontem que alguns pequenos bancos regionais norte-americanos já responderam formalmente que não vão aderir ao "pacote" de refinanciamento da dívida externa brasileira este ano. Mas ressaltou que isso não atrapalhará o fechamento do "empréstimo-jumbo" de US\$ 6,5 bilhões, porque já é programado com uma margem suficiente para a recusa de alguns bancos.

Ele confirmou que o Brasil, ao contrário do ano passado, está exigindo agora o comprometimento formal de todos os bancos no Projeto 4 — linhas de crédito interbancário para os bancos brasileiros no Exterior —, mas assegurou que isso não está causando problemas no fechamento do "pacote". Galvães disse que o Projeto 4 deve situar-se em torno de US\$ 6 bilhões e que o compromisso escrito é para o Brasil não ficar sujeito às flutuações ocorridas no ano passado, que causaram deficiências também no Projeto 3 — linhas comerciais de curto prazo.

O "empréstimo-jumbo" deve ser assinado entre 23 e 25 próximos, mas o ministro explicou que a data ainda não está fechada, porque o comitê assessor, comandado pelo Citibank, está trabalhando na tentativa de conseguir a adesão de todos os bancos ao "pacote" brasileiro. Galvães destacou também que, além de faltar US\$ 100 milhões para os US\$ 6,5



Arquivo

Galvães admite resistência

bilhões, existem problemas de ordem documental, porque alguns bancos ainda não comunicaram formalmente sua adesão.

## RECUSA

Segundo Galvães, todos os bancos que se recusaram a aderir ao "pacote" este ano já não participaram do refinanciamento da dívida no ano passado. Ele não soube precisar o número de bancos que não aderiram, mas explicou que esses bancos alegam que já não tinham crédito nos projetos anteriores, não estão em condições por razões de antecedentes e, pela própria natureza do "pacote" financeiro, querem ficar fora.

Disse que a missão em Nova York, do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, agora é exatamente tentar conseguir a adesão dos outros pequenos bancos regionais dos Estados Unidos, Oriente Médio e América Latina, que ainda não formalizaram seu apoio, razão pela qual o "pacote" ainda necessita de uns US\$ 100 milhões para fechar nos US\$ 6,5 bilhões programados. Galvães disse que falta ainda, por exemplo, a adesão de bancos da Argentina, Venezuela e dois do Chile.

Todos os bancos vão participar com dólares do "pacote" brasileiro, embora com cláusula contratual de que, em caso de bancos de países com moedas conversíveis, o credor pode determinar outra moeda. Ele acha que a valorização do dólar não afetará a programação financeira, e que não se tem de raciocinar em termos de elevação ou queda da moeda norte-americana. "É tudo dólar", enfatizou.

O ministro da Fazenda negou que alguns bancos norte-americanos já tenham preferido liquidar os créditos junto ao Brasil que se encontram com o pagamento atrasado. Segundo o ministro, o que acontece é que os papéis que os bancos têm em carteira sempre podem ser negociados. E isso sempre é feito quando quer "monetizá-los", fato "que não é ruim, mas ao contrário, é sinal de que tem tomador no mercado".